

**A Motivação e Autonomia na Era da Tecnologia: A Influência dos Jogos
Eletrônicos e das Séries De TV na Aprendizagem de Língua Inglesa
The Motivation and Autonomy in the Age of Technology: Electronic Games and
TV Series in English Language Learning**

Theizy Nastácio Cardoso Sales¹

SEDUC/TO

Resumo: Esse artigo tem o objetivo de analisar a influência dos jogos eletrônicos na aprendizagem da língua Inglesa. A pesquisa é um estudo de caso com dois alunos de um colégio de ensino médio público. Os dois alunos entrevistados adquiriram três competências através dos jogos eletrônicos: falar, escrever e ler. Dessa forma, pretende-se analisar quais fatores internos ou externos fizeram com que os discentes tivessem interesse pela Língua Inglesa, além de analisar a diferença entre o aprendizado promovido pela escola e aquele procurado pelo aluno em ambiente extraescolar. Foi aplicado um questionário aos alunos para verificar de que forma ocorreu a aprendizagem de língua inglesa por meio das novas tecnologias, porque ambos estudam com os mesmos colegas há três anos e somente os dois conseguiram obter maior êxito em relação à prática oral e escrita na língua estrangeira. Além disso, foram feitas algumas considerações sobre o ensino e aprendizagem de língua inglesa, considerando em particular questões relativas aos PCNs, à formação do professor e à autonomia dos estudantes na aprendizagem de língua inglesa.

Palavras-Chave: Motivação; Autonomia; Séries de TV; Jogos Eletrônicos.

Abstract: This essay aims at analyzing the influence of the electronic games in the English language learning. This research is a case study with two students from a public high school. Both students acquired three skills through the electronic games: speaking, reading and writing. Thus, we aim at analyzing which internal and external factors enabled the students to be interested in the English language, besides analyzing the difference between the learning promoted by school and the one sought for by the student in extra-school environment. We applied a questionnaire to the students in order to verify how the English language learning occurred through the new technologies, because both could obtain better results regarding the oral and written practice in the foreign language. Besides that, we discussed the teaching and learning process of the English language, considering issues particularly regarding the Nacional Guidelines for Education (PCNs), teacher education and the students' autonomy in the English language learning.

Key-Words: Motivation; Autonomy; TV Series; Electronic Games.

Submetido em 23 de novembro de 2015.

Aprovado em 10 de fevereiro de 2016.

Introdução

Estamos vivendo em uma época de constates evoluções tecnológicas. A rápida expansão que faz parte desse avanço atinge de forma direta todas as áreas do saber

¹ Graduada em Letras e Especialista em Língua Inglesa. Atualmente é professora, atuando no ensino de língua inglesa. E-mail: theizy1@hotmail.com

humano (desde a educação até os meios de entretenimento). Com a globalização, a comunicação torna-se fundamental e dentro desse processo o uso da língua inglesa é o meio de expressão com todo o mundo e as tecnologias, tais como jogos eletrônicos e séries da TV, filmes, música e outros impulsionam a necessidade de aprendizagem da língua.

É por este motivo que esse artigo pretende investigar dois alunos de um colégio de ensino médio que, em detrimento dos demais estudantes, conseguiram desenvolver o letramento com o uso da língua inglesa em práticas sociais de comunicação na modalidade oral, na produção escrita e na leitura, nos meios impressos e principalmente digitais. Desse modo, pretende-se analisar quais fatores internos ou externos fizeram com que os discentes tivessem interesse pela Língua Inglesa, além de analisar a diferença entre o aprendizado promovido pela escola e aquele procurado pelo aluno em ambiente extraescolar.

Para tanto, faremos um breve percurso nos documentos organizadores e norteadores do Ensino Médio, no que se refere às línguas estrangeiras (como os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio – PCNEM – e as orientações Curriculares para o Ensino Médio - Linguagens, Códigos e suas Tecnologias). Além disso, serão feitas algumas considerações sobre o ensino e aprendizagem de língua inglesa, como também será discutida a questão da autonomia na aprendizagem de língua inglesa.

Na coleta de dados do referido estudo, foi aplicado um questionário aos alunos que contenham perguntas pertinentes ao assunto. Além disso, foram realizadas algumas observações das aulas de LE. Feito isso, foi investigado como acontece o ensino da Língua Inglesa na sala dos jovens, pois ambos estudam com os mesmos colegas há três anos e somente os dois conseguem obter maior êxito em relação à prática oral e escrita na língua estrangeira.

1. Os PCNs e o ensino de língua estrangeira

O Ministério da Educação implantou os PCNS (Parâmetros Curriculares Nacionais), com a função de programar as atividades educacionais do nosso país, fazendo com que os educadores repensem suas metodologias em sala de aula. Estes procuram esboçar a situação das Línguas Estrangeiras Modernas de uma forma diacrônica. O Brasil apesar de possuir leis que regulamentam o ensino de uma língua estrangeira, a falta de profissionais qualificados e o número reduzido de horas

destinadas ao ensino de línguas faz com que não se cumpra o que é proposto na legislação. Além do mais, os estudos se concentram quase sempre em formas gramaticais, memorização de regras e prioridade em língua escrita, enquanto deveria ser pautada na língua falada que é a forma mais comum de comunicação entre os homens.

O ensino-aprendizagem de Língua Estrangeira Moderna deve capacitar o aluno a compreender e produzir enunciados no novo idioma, e também contribuir para a formação do aluno enquanto indivíduo. No entanto, essa responsabilidade de fazer o estudante comunicar-se em outra língua vem sendo transferida do Ensino Médio para os cursos de Línguas, pois os discentes não esperam essa função da escola média. Em outras palavras, o sistema educacional tem deixado a desejar no que tange ao ensino de LE, levando muitos alunos, principalmente aqueles com condições financeiras mais favoráveis, a procurar os chamados “cursinhos” onde os mesmos imaginam conseguir um melhor desempenho no ensino-aprendizagem de LE.

Os PCNS não sugerem uma metodologia específica para o ensino de línguas. Optam por uma abordagem sócio-interacionista como incentivo ao desenvolvimento da prática oral, proporcionando ao aluno seu próprio letramento. Em conformidade com o que dizem os PCNS, o ensino de Língua Estrangeira Moderna nas escolas se pauta apenas no sistema formal da língua, pensando em proporcionar ao aluno a habilidade necessária de se comunicar em situações reais. Com isso tanto estudantes quanto professores se desmotivam, pois o ensino de tal forma não desperta o interesse de ambos.

Os PCNS (BRASIL, 1999, p. 153), estabelecem as competências e habilidades a serem exercidas em Língua Estrangeira Moderna. Veja algumas competências e habilidades:

<p>Representação E Comunicação</p>	<ul style="list-style-type: none"> · Escolher o registro adequado à situação na qual se processa a comunicação e o vocábulo que melhor reflita a ideia que pretende comunicar. · Utilizar os mecanismos de coerência e coesão na produção oral e/ou escrita. · Utilizar as estratégias verbais e não-verbais para compensar falhas, favorecer a efetiva comunicação e alcançar o efeito pretendido em situações de produção e leitura. · Conhecer e usar as Línguas Estrangeiras Modernas como instrumento de acesso a informações a outras culturas e grupos sociais.
---	--

<p>Investigação E compreensão</p>	<p>. Compreender de que forma determinada expressão pode ser interpretada em razão de aspectos sociais e/ ou culturais. · Analisar os recursos expressivos da linguagem verbal, relacionando textos/contextos mediante a natureza, função, organização, estrutura, de acordo com as condições de produção/recepção (intenção, época, local, interlocutores participantes da criação e propagação de ideias e escolhas, de tecnologias disponíveis).</p>
<p>Contextualização sociocultural</p>	<p>.Saber distinguir as variantes linguísticas. . Compreender em que medida os enunciados refletem a forma de ser, pensar, agir e sentir de quem os produz.</p>

A grande importância dessas duas diretrizes diz respeito a algumas competências e habilidades a serem cumpridas pelo professor. Se tudo isso fosse realmente colocado em prática, os alunos não veriam os conteúdos como um princípio de depósito e com foco apenas na gramática. Para isso, o docente deve utilizar de forma adequada os recursos didáticos disponíveis pela escola, pois estes têm por objetivo melhorar a qualidade de ensino e desempenho dos alunos para que no futuro apliquem o conhecimento adquirido durante sua vida estudantil em sua futura vida profissional.

2. A prática oral da LE e o PCNS.

Segundo a LDB, a Língua Inglesa foi considerada por muito tempo uma disciplina pouco relevante nas salas de aula. Com o avanço das tecnologias e a necessidade de interagir oralmente com meio que cerca o aluno, essa ideia vem se tornando cada vez mais retrograda. Esse novo cenário coloca a LE como disciplina tão importante como qualquer outra na vida estudantil. De acordo com os PCNS,

Assim, integrados às áreas de Linguagens Códigos e suas Tecnologias, as Línguas Estrangeiras assumem a condição de serem parte indissolúvel do conhecimento de conhecimentos essenciais que permitem ao estudante aproximar-se de várias culturas e, conseqüentemente, propiciam sua integração com o mundo globalizado. (BRASIL, 2002, p. 25).

Apesar de ser considerada disciplina indispensável para o desenvolvimento do aluno, o ensino de Língua Inglesa há muito se pautou em estudos gramaticais do idioma voltando maior atenção nos usos de regras, decoreção das mesmas e da escrita e muitas vezes de forma descontextualizada da realidade do estudante. É, pois, importante conferir ao estudo de LE a capacidade do discente de compreender e produzir enunciados de maneira correta.

Pensando em uma aprendizagem significativa, o PCN nos traz razões que, de fato, justificam a competência comunicativa. Observemos então algumas delas:

- Saber distinguir entre as variantes linguísticas.
- Escolher o registro adequado à situação na qual se processa a comunicação.
- Escolher o melhor vocábulo que melhor reflita a ideia que pretenda comunicar.
- Compreender de que forma determinada expressão pode ser interpretada em razões de aspectos sociais e ou / culturais.
- Compreender em que medida os enunciados refletem a forma de ser, pensar, agir e sentir de quem os produz.
- Utilizar os mecanismos de coerência e coesão na produção em Língua Estrangeira (oral e / ou escrita). Todos os textos referentes ao a produção e a recepção em qualquer idioma, regem-se por princípios gerais de coerência e coesão e, por isso, somos capazes de entender e de sermos entendidos. (BRASIL, 2002, p. 26)

Nota-se que cada requisito citado acima, ao que concerne o ato comunicativo está perfeitamente inter-relacionado. Observa-se que os aspectos gramaticais não são os únicos que podem estar presentes no ensino aprendizagem de Língua Inglesa.

3. A formação do professor de LE

Segundo Almeida Filho (2009), temos hoje no Brasil uma sociedade que reconhece o valor do estudo em língua estrangeira. Depara-se, porém, com um ensino precário da LE, tanto em escolas públicas quanto em escolas particulares. No ambiente escolar, a responsabilidade do ensino de LE recai sobre os professores, e estes por sua vez, segundo Almeida Filho (2009), apresentam inconsistências em suas práticas de ensino, pois a grande maioria desses profissionais está estabilizada ao longo do trabalho na prática profissional. Além disso, talvez não tenham tido oportunidades de realizar cursos de aperfeiçoamento após a graduação, ou até mesmo não fazem por comodismo.

Por isso, pesquisas que focalizam o processo de mudança nas formas de ensinar LE vêm sendo realizadas ao longo dos últimos anos. O primeiro passo para uma transformação é o professor querer mudança e buscá-la. Ou seja, deve tomar a consciência de como ensinar e porque ensinar. Portanto, ao analisar as abordagens utilizadas pelo professor em sala de aula, não basta apenas perguntar quais métodos ele utiliza e nem apontar as metodologias a serem usadas. Sendo assim, faz-se necessário uma tomada gradual de consciência do educador, em que ele possa dialogar consigo mesmo. Segundo Almeida Filho (2009), o educador deve levantar “o véu de inconsciência ou consciência imaginada que marca nossa percepção de como ensinamos língua estrangeira.” (2009, p. 14). Portanto, o contraste entre o professor e sua imagem

fará com que ele tome consciência de como ensinou ao longo dos anos. Nesse sentido também, de acordo com Freitas (2009),

Na verdade, aceitar a necessidade de conscientização constitui o passo inicial para que esse profissional reflita sobre o próprio ensino. Refletir sobre o próprio ensino, por sua vez, é a condição que leva o professor de LE assumir um *status profissional*, deixando de ser visto como um mero *operário* a desempenhar seu ofício, seguindo caminhos e direções que lhe são indicados ou repetindo fórmulas que lhe são prescritas por *especialistas* que estariam legitimamente autorizados a assim proceder, pois deles seria o saber resultante do pensar. (2009, p. 51).

Segundo Freitas (2009), tem-se difundido a atual perspectiva filosófica como investigativa ou reflexiva, colocando o atual professor de LE como alguém capaz de construir conhecimento a partir das reflexões feitas entre a sua prática de ensino e a aprendizagem do aluno. Almeida Filho (2009) diz que é necessário fazer uma análise da abordagem de ensinar do professor. Para isso, o autor fundamenta sua abordagem em relação à formação de professores, afirmando que

Na minha própria concepção, o conceito de abordagem é tomado como uma filosofia, um enfoque, uma aproximação, um tratamento ou uma lida. O objeto direto de abordar é o processo ou a construção do aprender e do ensinar uma nova língua. (2009, p. 26).

Para delimitar os contornos e essências de uma abordagem de ensinar, isto é, da abordagem de aprender do aluno, da abordagem da escola, do professor, dos autores do material didático utilizado, é indispensável o desenvolvimento de uma análise específica, chamada de “*análise de abordagem*”, proposta por Almeida Filho (2009). Segundo o autor, “o analista de abordagem é um sujeito com crescente consciência crítica sobre as vertentes formadoras da abordagem, podendo ser o próprio professor que se observa e analisa, ou o analista do outro, experiente e interessado em ajudar.” (2009, p. 15). Para analisar uma filosofia de ensinar uma nova língua, é preciso esclarecer minuciosamente as concepções de língua, linguagem, língua estrangeira, de ensino e aprendizagem dessa língua subjacente à atividade do professor sob análise. As abordagens de ensino devem levar em consideração as histórias de vida e formação dos professores e suas condições de trabalho.

4. Autonomia no Aprendizado de Língua Inglesa

São muitas as questões que permeiam o ensino-aprendizagem da língua estrangeira (LE). Como se sabe, alguns alunos podem desenvolver a autonomia ao

estudar uma língua estrangeira. Os PCNS não definem ao certo o termo autonomia, mas dizem se tratar de uma “capacidade a ser desenvolvida pelos alunos e com princípio didático geral, orientador das práticas pedagógicas (BRASIL, 2002, p. 94)”.

Entre vários conceitos existentes de autonomia, podemos considerar o de Paiva (2005) como relevante ao estudo apresentado. Segundo a autora, a autonomia sofre fatores de interferência externos com diferentes graus de independência no processo de aprendizagem. Alguns autores, como Paulo Freire (1997), não definem exatamente autonomia, mas se infere em suas palavras que é o papel do professor de criar possibilidades para que o aluno produza e construa o seu próprio conhecimento.

Segundo Paiva (2005), o aprendiz de uma língua estrangeira, quando motivado, usa a língua para praticar atividades fora do ambiente escolar, ouvir músicas, jogar jogos eletrônicos, obter compreensão em falas de filmes e até mesmo interagir com estrangeiros. Em outras situações, a motivação surge com a necessidade de desenvolver alguma atividade que beneficie o estudante de alguma forma, pois a sala de aula nem sempre é considerada para o aluno um ambiente propício à aprendizagem da LE. Isso acontece dada à falta de estrutura física da sala que pode ser pequena e mal equipada, com quantidade superior de alunos ao que essa estrutura comporta ou pelas estratégias e abordagens de ensino apresentadas pelo professor.

O difícil contexto da escola pública possibilita-nos acreditar que, embora o professor seja responsável por apresentar oportunidades de aprendizagem aos alunos, a precariedade dessas escolas públicas brasileiras contribui de forma direta para a não aprendizagem. Se olharmos por outro ângulo, será notável também que a formação dos professores tem sido insatisfatória. É comum em nosso país professores com pouco preparo profissional para lidar com diversas situações ocorrentes na sala de aula. Segundo Gimenez (2002), “essa política é fruto de políticas educacionais que ainda não conseguiram produzir efeitos para as camadas mais pobres da população” (2002, p. 68). Assim, há vários fatores que permeiam essa situação, desde a desvalorização profissional até as políticas de incentivo ao aprendizado de LE.

Em relação à prática docente, o livro de Paulo Freire, *Pedagogia da Autonomia* (1997), trata diretamente de “como ensinar” com olhar de respeito ao que já existe de conhecimento que educando possui. Levando em consideração a língua inglesa, seria uma pedagogia que reconheça a bagagem, a experiência do aluno e a realidade em que está inserido. Quando um professor desconsidera o aluno como um ser capaz de produzir conhecimento e o considera um ser sem formação contínua, o docente está

reproduzindo o discurso autoritário de que o estudante é um mero depositário. Segundo Freire (1997):

O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que “ele se ponha em seu lugar” ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever e propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência. (1997, p. 66)

Dessa forma, o que percebemos é que Freire discute o sentido de que ensinar exige respeito à autonomia do educando deixando claro que esse ensinar “é um dever ético e não um favor a ser concedido” (GIMENEZ, 2002, p. 110).

5. Análise dos Dados

Os alunos participantes da pesquisa cursavam a 3^o série no único colégio de ensino médio da cidade. Ambos possuem afinidade com a língua estrangeira. Segundo os estudantes, seus pais não os influenciaram a estudar de forma enfática a Língua Inglesa, apesar de exigir sempre boas notas em todas as matérias.

O primeiro estudante, cujo nome fictício é Richard, tinha 17 anos de idade e cursava a 3^o série do ensino médio, quando a pesquisa foi realizada. Seu pai é lavrador e sua mãe costureira, ambos com ensino fundamental incompleto. O estudante possui as capacidades preconizadas pela língua estrangeira: falar, escrever, ouvir e ler. Não recebendo estímulos, tampouco incentivos diretos a LE do meio em que residia, o aluno que já era engajado no mundo virtual. Teve necessidade de aprender a língua estrangeira de acordo a necessidade que tinha de traduzir algumas palavras para dar prosseguimento aos jogos on-line em que ele participava. O estudante sempre gostou do mundo virtual dos jogos. Para aprimorar suas técnicas, percebeu que precisava ainda mais de conhecimento em relação à LE. A partir de então, ele iniciou pesquisas em dicionários on-line de línguas.

Na atualidade, assim como o Richard, a maior parte dos alunos tem acesso à internet com objetivos diversos. É comum acessarem a internet à procura de informação. Um dos grandes desafios hoje na sala de aula é direcionar os objetivos e as metas que devem ser alcançadas dentro de uma suposta atividade, é trazer aos olhos discentes o que é útil dentre esses recursos em potencial. Outro desafio a ser superado é

o conflito de gerações, pois muitos professores não nasceram nesse mundo digital e insiste em continuar em métodos tradicionais.

Richard considera ser um bom aluno nas aulas de inglês e apesar de já ter tido aulas no laboratório da sua escola, considera que sua influência em relação ao aprendizado da língua foi através dos jogos virtuais. O discente ressalta que aprende tudo o que a professora fala na aula, mas que esquece com facilidade.

Ao analisar as aulas, foi observado que há uma pequena interação oral intercalada a conteúdos gramaticais. Os conteúdos básicos mínimos nem sempre dão vazão para que o professor trabalhe de maneira diferenciada. O livro didático não foi utilizado por não haver compatibilidade entre os conteúdos do compêndio com que é preconizado pelo sistema fazendo com que a professora criasse exercícios e adotasse métodos de ensino que aproximassem a oralidade e a escrita para realidade dos alunos.

O aluno pesquisado ressalta que a necessidade de ultrapassar os estágios dos jogos e vender itens vinculados aos mesmos fez com que ele aprimorasse cada vez mais o uso da língua estrangeira. Sua fluência melhorou à medida que iniciou disputas virtuais com americanos, pois exigia dele o conhecimento oral e escrito ainda mais complexo da língua: “percebi que com o passar do tempo eu já firmava um diálogo legal sem o suporte on-line e isso foi ficando cada vez mais normal para mim.” (Entrevista com o aluno).

Desse modo, podemos perceber que a “sociedade virtual” em que Richard está inserido é a influenciadora e causadora das competências do aluno em relação à LE. A necessidade de conhecer os termos dos jogos que ele disputa, vender itens vinculados a esses jogos e posteriormente disputar “batalhas” com os “gringos” foram os grandes condutores para a aprendizagem da LE por Richard. Richard tem hoje 18 anos de idade, continua com as batalhas e vendas de estratégias de jogos e está morando em Londres.

A aluna Cristina, tinha 17 anos de idade quando realizamos a pesquisa e também cursava a 3ª série do ensino médio. Sua mãe é formada em pedagogia e é professora no município em que a família reside. Seu pai é lavrador e não concluiu os estudos. A aluna diz que sempre recebeu incentivo dos pais quanto aos estudos, e sua mãe sempre trazia da escola em que trabalhava vídeos educativos para que ela e seu irmão acostumassem com conteúdos diferentes daqueles que a TV proporcionava.

A aluna começou a estudar LE no 5ª série e diz que achava “linda” a pronúncia das palavras e começou a pesquisar o estrangeirismo no Brasil. Desde então, a mesma diz vincular o que vê em sala de aula com o ambiente extraescolar. Com o passar do

tempo, os pais de Cristina colocaram em casa TV a cabo e ela começou a se interessar pelas séries de TV. No início, eram assistidas com legendas e depois podia entender perfeitamente o que estava sendo dito sem legenda. A discente ressalta que sempre se interessou pela oralidade da LE. Segundo ela,

Com a ajuda dos professores pude obter uma facilidade maior e compreender as diferentes formas de pronuncia e escrita. Em cada série pude perceber as diferentes etapas da língua inglesa que era ensinada durante o período de aula, mantive sempre o foco nos conteúdos das atividades em que praticávamos a oralidade e a escrita. (Entrevista com a Aluna)

Cristina sempre gostou das aulas de LE, mas depois de certo tempo, as mesmas se tornaram um tanto “cansativas” pelo fato de os alunos da turma não estarem no mesmo nível de conhecimento linguístico que ela possuía. Afirma que “desse modo o jeito foi marcar horário acadêmico com a professora para atender as minhas necessidades, retirar dúvidas e outras coisas”. (Entrevista com a Aluna). A aluna disse que ainda precisava de orientações, mas as séries de TV e algumas pesquisas na internet resolveram as maiores dificuldades que ela tinha antes, que era aguçar o *listening* e desenvolver o *speaking*.

A aluna participou em 2012 do programa Jovens Embaixadores, representando a DRE de Arraias. Segundo a estudante, o teste oral não foi difícil e talvez não tenha sido selecionada pelo fato de que sua mãe era concursada e a renda da família não era tão baixa quanto preconizava o programa. Mesmo não vencendo o concurso, o programa disponibilizou aos participantes uma viagem com pesquisa no campo das ciências.

Hoje Cristina tem 18 anos de idade, faz engenharia ambiental na Universidade Federal do Tocantins, mas pretende expandir mais os estudos na área da LE. Afirma que continua “nas madrugadas” acompanhando algumas séries de TV.

Os dois alunos reconhecem que precisam aprimorar a pronúncia de algumas palavras e é necessário estudar mais. Seus colegas não conseguem acompanhar os seus níveis de conhecimento e a escola conta apenas com uma aula de 60 minutos por semana sendo necessário que os alunos tirem dúvidas no horário acadêmico.

Desse modo, percebemos que Cristina e Richard não obtiveram diretamente influência dos pais nas suas escolhas em dedicar-se de maneira veemente à Língua Estrangeira. Segundo os estudantes, nunca tinham ouvido ser comentado pelos pais que a língua estrangeira era um veículo de comunicação importante. Richard, ao que relata, não recebeu muitos estímulos do professor para se envolver com a língua inglesa fora da

sala de aula. A necessidade do uso por questões de status por vencer em determinado jogo e posteriormente a venda vinculada ao meio virtual o fez despertar para necessidade de comunicação direta com o público com que ele se relacionava. Já Cristina diz ter recebido estímulos no ambiente escolar, mas que os professores, ao longo de sua vida estudantil, não foram os responsáveis direto por sua aprendizagem em LE. Contudo, os docentes a orientaram e, de certo modo, ajudaram para que ela se tornasse uma estudante mais autônoma já que as aulas de Língua Inglesa era apenas uma por semana e segundo a aluna, era um tempo insuficiente para uma aprendizagem profunda em relação a LE.

Considerações Finais

Esse artigo analisou a influência dos jogos eletrônicos e das Séries de TV na aprendizagem da língua Inglesa, a partir de um estudo de caso com dois alunos de um colégio de ensino médio público. Eles adquiriram três competências através dos jogos eletrônicos: falar, escrever e ler. Dessa forma, foram analisados quais fatores internos ou externos fizeram com que os discentes tivessem interesse pela Língua Inglesa, além de investigar a diferença entre o aprendizado promovido pela escola e aquele procurado pelo aluno em ambiente extraescolar.

Como vimos, os alunos participantes cursavam o terceiro e ambos possuem grande afinidade com a língua estrangeira. Segundo os estudantes, seus pais não os incentivavam a estudar de forma enfática a Língua Inglesa. Eles apenas exigiam boas notas dos mesmos em todas as matérias.

Observou-se, nesse artigo, que os jogos eletrônicos e as séries de TV são muito eficazes no processo de ensino e aprendizagem de língua inglesa. Nos dois exemplos de alunos analisados, ambos demonstram que o uso das novas tecnologias é importante para melhorar a aprendizagem da língua inglesa. Assim também, essas tecnologias funcionam como uma estratégia de aprendizagem eficaz e motivadora. Os alunos também demonstram autonomia ao aprender o idioma, pois aprendem fora do ambiente escolar com os jogos e séries de TV.

Referências

ALMEIDA FILHO, J. C. P. *Dimensões Comunicativas no ensino de línguas*. Campinas, São Paulo: Pontes, 2002.

BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais: língua estrangeira / ensino médio*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Brasília: MEC; SEMTEC, 2002.

BRASIL. *Orientações curriculares para o ensino médio*. Brasília: Secretaria da Educação Média e Tecnológica: MEC/SEMT, 2006.

FREITAS, M. A. Avaliação enquanto análise: Resultado das primeiras reflexões do professor de LE sobre o próprio ensino. In: ALMEIDA FILHO, J. C. P. (Org.) *O professor de Língua Estrangeira em Formação*. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2009. p. 51-62.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GIMENEZ, T. (Org.). *Trajetórias na formação de professores de línguas*. Londrina: Editora UEL, 2002.

LIMA, D. C. *Ensino Aprendizagem de Língua Inglesa: conversas com especialistas*. São Paulo: Parábola, 2009.

PAIVA, V. L. M. O. Desenvolvendo a habilidade de leitura In: PAIVA, V. L. M. O. (Org.). *Práticas de ensino e aprendizagem de inglês com foco na autonomia*. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2010.

PAIVA, V. L. M. O. (Org.). *Ensino de língua inglesa: reflexões e experiências*. 4ª Edição, Campinas: Pontes Editores, 2010.

WIDDOWSON, H.G. *O ensino de línguas para a comunicação*. Tradução José Carlos P. de Almeida Filho. Campinas: Pontes Editores, 1991.